

QUADRO DAS PARÁBOLAS DE JESUS

Parábola		Contexto	Lição Central
1	O Semeador Mt 13:1-9; Mc 4:1-9; Lc 8:4-8		As reações das pessoas à Palavra de Deus
2	O Joio e o Trigo Mt 13:24-30		O falso e o verdadeiro cristianismo convivendo até à volta de Jesus
3	A Candia Mc 4:21-23		Deus revelará as coisas ocultas
4	A Semente Mc 4:26-29		O resultado gradual da Palavra de Deus
5	O Grão de Mostarda Mt 13:31-32; Mc 4:30-32; Lc 13:18-19		O mal infiltrando-se no Reino (Igreja)
6	O Fermento da Mulher Mt 13:33; Lc 13:20-21		O mal infiltrando-se no Reino (Igreja)
7	O Tesouro Oculto Mt 13:44		O valor que Deus dá à Igreja
8	A Pérola de Grande Valor Mt 13:45-46		O valor que Deus dá à Igreja
9	A Rede no Mar Mt 13:47-50		O falso e o verdadeiro cristianismo convivendo até à volta de Jesus
10	O Baú do Pai de Família Mt 13:51-52		A responsabilidade dos que conhecem os mistérios de Deus de compartilhá-los com os outros
11	O Servo Que Não Perdoava Mt 18:23-35	Resposta a Pedro	Perdão
12	O Contrato de Trabalho dos Lavradores da Vinha Mt 20:1-16	Ensinando sobre o Reino	Os Critérios Divinos de Recompensa
13	Os Filhos do Dono da Vinha Mt 21:28-32		A atitude de contigação vale mais do que o discurso religioso e correto
14	Os Maus Lavradores Mt 21:33-46; Mc 12:1-12; Lc 20:9-18		A Rejeição de Israel ao Messias
15	As Bodas do Filho do Rei Mt 22:1-14	Ensinando no Templo	A rejeição de Israel ao Messias abre a porta dos gentios
16	A Figueira Mt 24:32-35; Mc 13:28-32		Os Sinais dos Tempos
17	A Vigilância do Pai de Família Mt 24:42-44; Lc 12:39-40		A necessidade de vigiância
18	O Empresário que Viajou Mt 24:45-51; Lc 12:42-48	Serão Profético	A atitude dos servos esperando a vinda do Senhor
19	O Servo Bom e o Servo Mau Mt 25:1-13a		A necessidade de preparar-se para encontrar-se com Cristo
20	Os Talentos Mt 25:14-30		A mordomia consciente do cristão
21	Remendo da Vestes Mc 2:21; Lc 5:36	No Banquete de Mateus	A novidade do Cristianismo não cabe na estrutura arcaica do Judaísmo
22	Vinho Novo em Odres Velhos Lc 2:22; Lc 5:37-39	No Banquete de Mateus	A novidade do Cristianismo não cabe na estrutura arcaica do Judaísmo
23	O Credor e os Dois Devedores Lc 7:36-50	Na Casa de Simão	O privilégio de ser perdoado
24	O Samaritano Lc 10:25-37	Resposta a um intérprete da lei	Quem é o nosso próximo
25	O Amigo Insistente Lc 11:5-8	Resposta aos discípulos	A Importância de Insistir em Oração
26	O Fazendeiro Louco Lc 12:13-21	Resposta a um homem que queria repartir a herança com seu irmão	A futilidade das riquezas em comparação com a eternidade
27	A Figueira Que Não Produzia Lc 13:6-9	O acidente na torre de Silóé	A necessidade de se produzir frutos de arrependimento
28	As Bodas Rejeitadas Lc 14:15-24	Resposta ao comentário de um comensal num banquete	A Rejeição de Israel ao Messias e seu convite de comunhão
29	A Ovelha Perdida Lc 15:3-7	Murmuração dos fariseus e escribas porque ele recebia e comia com pecadores	O valor de uma alma perdida
30	A Moeda Perdida Lc 15:8-10		
31	O Filho Perdido Lc 15:11-32		
32	O Administrador Inteligente e Previdente Lc 16:1-9	Ensinando aos discípulos	Devemos investir na eternidade
33	O Servo Prestativo Lc 17:7-10	Ensinando aos discípulos	A correta relação entre o servo e o Senhor
34	O Juiz e a Viúva Lc 18:1-8	Ensinando Geral	A Importância de Insistir em Oração
35	O Fariseu e o Publicano no Templo Lc 18:9-14	Ensinando de Jesus aos que se consideravam justos e desprezavam os outros	A Atitude Correta para nos aproximarmos de Deus
36	As Minas Lc 19:11-27	Aproximando-se de Jerusalém	A mordomia consciente do cristão
37	O Pastor Verdadeiro e o Pastor Ladroão Jo 10:1-6		Jesus como o verdadeiro Messias
38	A Porta das Ovelhas Jo 10:7-10		Jesus como o verdadeiro Messias
39	O Bom Pastor Jo 10:11-15	Debate com os judeus sobre sua missão	Jesus é o Salvador dos judeus e dos gentios

Segundo os estudiosos, no Novo Testamento “parábola” é a tradução para duas palavras, *parabol* e *paroimia* e seu sentido é muito vasto. As traduções mais apropriadas indicam um recurso de linguagem de “*semelhança ou aparência*”; “*colocar uma coisa do lado da outra*”.¹

1. O que são parábolas

São histórias do mundo material usadas para ilustrar verdades do mundo espiritual. Elas se constituíram no recurso mais utilizado pelo Senhor Jesus durante seu ministério de ensino. Embora Jesus não tenha sido o primeiro a utilizá-lo (o A.T. têm várias parábolas), seguramente podemos afirmar que a partir dos Evangelhos, as parábolas ganharam um novo *status*. Mesmo porque elas não se tratavam, como no caso das fábulas e contos da antiguidade e até hoje em dia, de uma simples história com fundo moral. Eram muito mais do que isto. O Senhor Jesus era um Mestre na arte de contar uma história e extrair dela numerosas lições ou esconder nelas intrigantes mistérios.

2. Por que Jesus falou em parábolas

- a) *Para ilustrar verdades eternas aos que aceitavam sua Palavra* (Mc 4:33-34). Suas parábolas levavam o ouvinte a pensar e a chegar à conclusão correta, ainda que não aceitasse ou não tomasse a postura correta (e.g., Lc 7: 40-43; 10:29; 36-37)
- b) *Para ocultar verdades eternas aos que rejeitavam sua Palavra* (Mt 13:10-17). O ensino concernente à missão de Jesus e seus planos para a humanidade era direcionado aos seus discípulos. Para eles, que tinham sinceridade, mas eram tardos para compreender, Jesus explicava o significado de suas parábolas mais complexas.

Ambos os motivos são claramente percebidos no ministério de Jesus. Esta explicação não é contraditória (explicar verdades e ao mesmo tempo ocultá-las), quando considerados os destinatários e a intenção de Jesus ao contar cada parábola. Alguns ensinadores não conseguem perceber isto e dão apenas uma das explicações.

3. Como interpretar as parábolas

- a) Toda parábola tem uma lição principal a ser buscada. Concentre-se nesta lição central. Nem todos os detalhes da parábola têm grande importância interpretativa ou aplicativa.
- b) Analise o contexto, porque na maior parte das vezes ele dá a razão porque Jesus a contou (Ex: Lc 18:1 c/ v. 2-8; Lc 18:9 c/ v.10-14). Esta informação fará a necessária conexão com a lição a ser extraída. Nem sempre este contexto estará explícito no contexto imediato. Por exemplo, as parábolas sobre o Bom Pastor e as ovelhas foram proferidas em meio a um intenso debate entre Jesus os judeus, que queriam desacreditar Seu ministério e Sua pessoa. Embora não este detalhe não seja mencionado desta forma no texto, fica implícito pelo desenrolar da narrativa.
- c) Não tente alegorizar² ou atribuir um simbolismo para todo e qualquer detalhe da parábola. Isto fará com que o intérprete perca a referência e assim cada um pode falar o que quiser em cima de uma parábola. Nenhum ensinador tem esta autoridade. Veja um exemplo de como isto pode ser sem limites na interpretação que Santo Agostinho sugeriu da parábola do bom samaritano:

¹ Todas as Parábolas da Bíblia, páginas 10, 11

² Alegorizar, na Hermenêutica Bíblica, implica em não aceitar um texto bíblico como literal, mas atribuir sentidos metafóricos ou até místicos. A grande crítica que se faz a este método é que ele permite que as Escrituras digam praticamente qualquer coisa, uma vez que a “interpretação” fica ao sabor da criatividade de quem interpreta.

Um homem descia de Jerusalém para Jericó – o homem representa Adão, Jerusalém é a cidade celestial, cuja bênção Adão perdeu. Jericó é a lua e representa a nossa mortalidade, porque nasce, cresce, minguava e morre. *Os assaltantes* - são o diabo e seus anjos. *Os quais os despojaram* – isto significa a retirada da imortalidade. *O espancaram* - persuadiram a pecar. *Deixando-o semimorto* – porque poderia viver se conhecer a Deus, mas quando se entrega ao pecado está morto. Então, fica “semimorto”. *O sacerdote e o levita* – representam o ministério e o sacerdócio do A.T., que não continham a riqueza da salvação. *O samaritano* – representa o guardião, e o próprio Jesus é conhecido por este nome. *Atou-lhe as feridas* – é o resgate do pecado. *O óleo* – é o consolo da esperança. *O vinho* – é a exortação para trabalhar com ardor. *O animal* - é a carne, através da qual Jesus veio até nós. *Colocou-o sobre o animal* – é a crença na encarnação de Cristo. *A hospedaria* – é a igreja. *O dia seguinte* – significa o período posterior à ressurreição de Jesus. *Os dois denários* – são os mandamentos do amor ou a promessa desta vida e da que está por vir. *O hospedeiro* – É o apóstolo Paulo.

Uma análise simples do contexto deixa claro que Jesus contou esta parábola para ensinar sobre “quem é o nosso próximo” (Lc 10:29; 36-37). As aplicações que quisermos tirar dali, devem orbitar em torno desta verdade. Como todo respeito à grande figura que foi o irmão Agostinho, não dá para concordar com a sua viagem ao redor do mundo em dez versículos!

- d) Lembre-se de que as parábolas não foram contadas para nós em primeiro lugar. Portanto, a interpretação sempre estará relacionada primordialmente àqueles a quem a parábola foi dirigida.
- e) Para evitar erros ou desvios de compreensão, **sempre, invariavelmente, em todos os casos**, interprete a parábola *antes* de buscar as suas aplicações. Algumas delas foram interpretadas pelo próprio Senhor (Ex: Mt 13:1-9 c/ 18-23), o que facilita nosso trabalho.
- f) Há uma única interpretação para cada parábola. Embora possa haver mais de uma aplicação (embora não infinitas), a interpretação será única.

4. Para que estudar as parábolas

- a) Elas são um depósito riquíssimo de doutrinas aplicadas à vida prática. Em suas parábolas Jesus falou sobre a graça, o reino de Deus, os galardões, o arrependimento etc. Ler as parábolas de Jesus é ouvir em primeira mão a sua maneira de ver todos estes importantes assuntos.
- b) Elas tratam de problemas do dia-a-dia e, portanto serão sempre atuais. O ensino do Mestre era prático. Encontramos muitas observações objetivas sobre relacionamentos, riquezas, oração, fé, serviço etc. Parábolas são como pílulas que podemos transportar em nossa memória, para serem usados no momento oportuno.
- c) Elas constituem a maior parte do ensino de Jesus. Isto seria razão mais do que suficiente para prender nossa atenção.

Análise de algumas parábolas

I – PARÁBOLAS DOS PERDIDOS E ACHADOS

Dentre as parábolas que Jesus contou, as mais conhecidas e apreciadas em todos os tempos certamente incluem a série sobre os Perdidos e Achados. Apenas Lucas registrou estas três fantásticas histórias.

1. O contexto (Lc 15:1-2)

Os fariseus e escribas não se conformavam com o fato de que Jesus se importava com pessoas de baixa qualidade moral. De fato, era assim que eles consideravam a qualquer um que não tivesse o padrão que eles exigiam, mesmo que eles próprios não o seguissem. Jesus denunciou duramente sua hipocrisia.

De qualquer forma, Jesus tinha vindo com esta exata missão: “buscar e salvar o perdido”. São os doentes que precisam de médico, disse o Senhor (Mt 9:12,13). Que tristeza quando nossa atitude religiosa nos torna insensíveis em relação às necessidades daqueles que mais precisam do amor de Deus!

2. A ovelha perdida (Lc 15:3-7)

- Para o Bom Pastor, a ovelha que ainda está perdida (note que *foi ela mesma* que se perdeu; a culpa era dela, não do pastor) tem o mesmo valor e importância daquelas 99 que permaneceram.
- A iniciativa de procurar a ovelha parte do Pastor, não da ovelha.
- Deus fica numa alegria tão grande quando um pecador se arrepende, que ele contamina o céu com seu júbilo. Ele faz festa! A palavra usada (“*júbilo*”) quer dizer literalmente “*pular de alegria*”.
- Deus reparte com os outros a alegria do reencontro

A interpretação da parábola é evidente: os fariseus achavam-se melhores do que os outros. Pensavam que Deus abominava os pecadores e queria ficar longe deles. Porém Jesus está lhes mostrando que os pecadores são o *público alvo preferido de Deus*. Estavam enganados duas vezes: primeiro porque achavam que Deus não se importava com os pecadores. Segundo, porque eles próprios não se consideravam como tais e por isso mesmo nunca poderiam ser achados pelo Bom Pastor, a quem eles tinham rejeitado abertamente e o fariam de maneira ainda mais explícita no final.

3. A moeda perdida

- A ideia é a mesma da parábola anterior, porém o cenário é diferente. Havia muitas mulheres que acompanhavam o ministério de Jesus e esta história tão simples de uma situação cotidiana poderia falar aos seus corações de uma maneira especial.
- Uma moeda fala sempre de algo de valor. Ninguém quer abrir mão de algo que tenha valor. Talvez fossem as economias daquela senhora e ela sabia quão difícil tinha sido para ela guardar aquele dinheiro. Quando ela encontra

4. O filho perdido (Lc 15:11-32)

- Nota-se nesta parábola a atitude do perdido. Embora tenha certeza do amor do Pai, ele prefere viver com 50% da benção. As coisas só mudam quando entra em cena o arrependimento. Com isto Jesus mostra que não estava concordando nem aceitando o padrão de vida dos pecadores, mas que estaria sempre pronto para acolher de volta todos aqueles que reconhecessem seu estado e decidissem voltar para casa. O beijo de perdão só foi possível depois que o filho disse “*Pequei contra o céu e diante de ti*”.
- Um aspecto quase sempre esquecido desta parábola é a presença do filho mais velho. Ele representa os fariseus e escribas, religiosos, que se achavam melhores do que os chamados “pecadores”. Viviam como se fossem bons filhos, mas o seu coração estava tão longe do pai quanto o filho perdido. Tinham com Deus uma relação fria, legalista, técnica, burocrática, religiosa. Contavam no caderno o que tinham feito para Deus e o que esperavam receber em troca (v.29). Tentavam se aproximar de Deus baseados em seus méritos, não na graça de Deus. Por isso não podiam aceitar que o outro irmão tivesse acesso àquilo que, na mente deles, tinha sido conquistado por seus próprios esforços.

Sem dúvida, a nota predominante nestas três maravilhosas histórias é o grande e incondicional amor de Deus por todos nós, pecadores. Somos amados por Ele, apesar de termos feito escolhas erradas. Apesar de nossa rebeldia, Deus nunca desiste de nós.

Por outro lado, aprendemos a necessidade de arrependimento e abandono da vida de pecado, para que possamos desfrutar do melhor que Deus tem para nós na Sua companhia santa e perfeita. Estas histórias são um testemunho vibrante do amor de Deus pelo pecador perdido. Mais uma vez atestam o valor de uma alma e como Deus se empenha, mesmo não precisando disso, em alcançar a todos.

II – PARÁBOLAS SOBRE O PERDÃO

Outro assunto importante e prático que Jesus abordou em suas parábolas foi o perdão. Todo ser humano em algum momento de sua vida vai precisar perdoar ou ser perdoado. Somos falhos e vivemos no meio de uma sociedade falha. Até mesmo na comunidade cristã havemos de nos deparar com situações em que o perdão será necessário.

Jesus contou pelo menos duas parábolas específicas sobre nossa responsabilidade de perdoar. Elas estão registradas em Mateus 18:23-35e Lucas 7:36-50.

1. A parábola do Credor Incompassivo (Mateus 18:23-35)

a. Contexto

Discípulo em treinamento, Pedro pergunta a Jesus qual o limite de vezes que deveríamos perdoar nossos ofensores. Pensando que estava sendo liberal e generoso, sugere sete vezes. Jesus, porém, responde que até setenta vezes sete. Em outras palavras, Jesus está mostrando que o perdão não deve ser dado a conta-gotas. Ele elimina a ideia de um perdão mesquinho, técnico, feito por obrigação. Isto tornaria qualquer ofensor um refém do ofendido para sempre. A parábola que ele conta a seguir confirma seu ensino e brinda a Pedro e a todos nós com um novo e alto padrão a ser aplicado em nossos relacionamentos.

b. A interpretação da parábola

A história traz um ensino direto, de fácil compreensão. A interpretação da história é imediata e direta. O homem tinha uma dívida altíssima³. Em contrapartida, seu conservo lhe devia 100 denários. Era 600 vezes menos do que ele devia para o rei. Com alguma engenharia, a dívida era plenamente possível de ser quitada. O contraste serve para mostrar que nossa atitude para com aqueles que nos ofendem jamais poderá se comparar com aquilo que devemos a Deus por causa do nosso pecado. O tamanho da ofensa é proporcional à grandeza do ofendido. Nosso pecado contra Deus não tem solução. Quem pagou a nossa dívida com Deus foi seu Filho Jesus, que deu sua vida para nos resgatar.

Portanto, ao cristão verdadeiro não existe ofensa grande demais que não possa ser perdoada, uma vez que haja confissão e arrependimento da parte do ofensor.

2. A parábola dos Servos Perdoados (Lucas 7:36-50)

a. Contexto

O fato de Jesus estar em casa de um fariseu indica que ele não tinha preconceitos e que também queria dar a eles uma oportunidade de reconhecerem nele o Messias. Mas na maioria das vezes, eles o convidavam apenas porque sua presença em suas casas garantiria uma popularidade e os holofotes. Jesus era um mestre conhecido e aclamado pela multidão. Nada melhor do que tê-lo em um jantar especial.

Por seu lado, no entanto, Jesus não ia a esses eventos com a intenção de curtir sua popularidade. Seu único objetivo era estar em contato com as pessoas que precisavam dele. Tanto os religiosos fariseus como os pecadores mais vis. Naquele dia, uma mulher de má reputação, tocada pelo Seu amor, veio demonstrar publicamente sua contrição e arrependimento por sua antiga vida de pecados (v.37,38). Isto não seria passado despercebido por Simão, o dono da casa. Na sua mente hipócrita, Jesus não podia perder a chance de passar uma descompostura pública e humilhante naquela mulher.

Porém Jesus via a coisa de outro modo. Este modo foi explicado de maneira vívida, brilhante e incontestável na parábola que conta a seguir, dirigindo-se diretamente a Simão.

b. A interpretação

Novamente, há um contraste de valores. Um devia 500 dias de trabalho. Outro devia 50. 10 vezes menos. As circunstâncias impediam ambos de conseguir pagar. Obviamente que o perdão era fruto exclusivamente na benevolência e generosidade do credor. Nada podiam alegar em sua defesa. Nenhum mérito. Apenas a graça. Este conceito era revolucionário e assustador para um religioso fariseu.

Como que numa aula interativa, Jesus questiona Simão sobre qual deveria estar mais agradecido após o perdão. Certamente o que devia mais se sentia também mais sufocado e oprimido pela dívida tão pesada. Agora, ele se podia sentir-se bem mais aliviado, mais grato, mais consciente do valor do perdão.

A lição não podia ser mais óbvia e foi aplicada pelo próprio Senhor (v.44-47). A mulher que lavava os pés de Jesus com as lágrimas do arrependimento e enxugava com seus cabelos (cabelos soltos

³ 10.000 talentos era uma dívida incrivelmente alta para um trabalhador (1 denário=1 dia de trabalho; 1 talento=6.000 dracmas ou denários). Portanto, ele devia 60.000 dias de trabalho ao rei.

e longos indicavam uma mulher de conduta moral reprovável, talvez até uma prostituta) estava consciente dos seus muitos pecados, bem como da graça que superabundou sobre seu pecado. Algo que Simão na sua religiosidade não tinha ainda experimentado.

Duas extraordinárias histórias que podemos aplicar às nossas vidas dentro de casa, na escola, na vizinhança, na igreja, no trabalho, no trânsito ou em qualquer circunstância da vida: o perdão de Deus sempre será uma demonstração de sua graça, nunca do nosso mérito.

III – PARÁBOLAS SOBRE ORAÇÃO

Entre as coisas mais nobres que podemos fazer nesta Terra está a oração. Poucas coisas podem ser mais importantes e necessárias em nossa vida do que esta. Não é à toa que Jesus tenha falado tantas vezes neste assunto. Mais do que isso, ao estudar Sua vida, vamos encontrá-lo muitas vezes na prática da oração. Isto nos indica que a oração não é apenas “falar com Deus”. Orar é entrar em contato íntimo e pessoal com a Divindade. É estar em contato com Deus. É desfrutar da Sua santa presença. Por isso Jesus estava tantas vezes orando.

1. A parábola do amigo insistente (Lucas 11:1-4)

a. O contexto

Certo dia, os discípulos estavam observando Jesus orar. Tão impressionados eles ficaram com a maneira como Jesus orava, certamente diferente da maneira formal e fria com que estavam acostumados a ver seus antigos modelos fazerem, que eles pedem que ele os ensine a orar daquela forma (v.11). Jesus, então, enuncia a chamada Oração do Senhor ou Oração do Pai Nosso, mundialmente conhecida.

Alguns a repetem como uma reza, embora nunca tenha sido enunciada com esta intenção. Na realidade, o “*Pai Nosso*” contém a síntese do ensino de Jesus. Indica as prioridades de sua vida, que deveriam ser também as nossas. Logo em seguida, o Senhor conta a parábola do amigo que chegou na hora errada.

b. A interpretação da parábola (Lucas 11:5-13)

A palavra usada para “importunação” (v.8) significa literalmente “não ter vergonha”. Ele pediu o que precisava, sem medo de ser mal interpretado ou de o amigo ficar com raiva dele pelo horário e pelo pedido. A ideia central é a de não ter vergonha de repetir um pedido, de insistir, de clamar até as últimas consequências. Faz-nos lembrar de Ana no templo, correndo o risco de ser confundida com uma bêbada (I Sm 1:12-15). Ou de Jacó lutando com o Anjo do Senhor até que este o abençoasse (Gn 32:26)

Observe nesta parábola e na sua interpretação, dada pelo próprio Jesus (v.9-13), como a história é apenas uma história, cuja lição central não é que Deus vai nos atender simplesmente porque insistimos ou fazemos barulho. A ênfase se concentra na insistência, no ato de pedir com intensidade, de não desistir facilmente, de perseverar até que uma resposta seja dada, seja ela qual for. Não há qualquer simbolismo específico nos “três pães” ou na “porta fechada à meia-noite”. Estes e outros detalhes são apenas componentes da história em si.

A parábola do juiz e a viúva (Lucas 18:1-8)

a. O contexto

Desta vez, quem nos dá o contexto imediato é o próprio Espírito Santo, através de Lucas. O versículo 1 explica claramente porque Jesus contou esta parábola: “*para ensinar sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer.*” Trata-se, portanto, do mesmo assunto da parábola anterior. Conhecedor profundo da natureza humana (Jo 2:25), Jesus sabia que nossa tendência é desanimar e desistir facilmente quando nossos pedidos não são respondidos com a rapidez que desejamos.

b. A interpretação da parábola (Lucas 11:5-13)

Novamente fica clara a necessidade de se interpretar uma parábola buscando como prioridade sua lição central. Aqui, a ênfase recai não sobre o juiz (que não representa Deus – uma vez que Deus não pode ser ilustrado pela figura de um homem iníquo, insensível e perverso), mas sobre a atitude da viúva de insistir até que sua causa fosse julgada.

O ensino subjacente à parábola é que Deus responderá sempre, embora às vezes nos pareça demorar. Como não sabemos quando nem como Ele nos responderá, embora tenhamos convicção de que isto há de acontecer (v.7), cumpre-nos insistir até recebermos a resposta que buscamos. Neste sentido, podemos recordar de Daniel. Enquanto ele orava, a resposta saiu do céu, mas encontrou resistência na esfera espiritual (Dn 10:10-14).

2. A parábola do fariseu e do publicano (Lucas 18:9-13)

a. Contexto

Após mostrar a necessidade de perseverarmos em oração, Jesus demonstra outra importante questão envolvendo nossa relação com Deus. Mais uma vez Lucas registra o motivo pelo qual Cristo contou esta parábola. Era para ensinar “*alguns que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros.*”

Tendo tão clara intenção na história a seguir, podemos concluir que até mesmo um ato nobre como a oração pode se tornar um ato vil e desprezível. Se nos aproximamos de Deus da maneira errada ou com a atitude errada, Deus não estará disposto a nos ouvir nem a nos receber. Podemos impressionar os outros com nossa religiosidade, mas não a Deus.

b. A interpretação da parábola (v.14)

Os rabinos e religiosos gostavam de mostrar aos outros sua suposta espiritualidade. Oravam em público, de pé nas esquinas, para serem vistos de todos (Mt 6:5). Jesus condenara abertamente esta atitude no Sermão do Monte. Como parece que eles não tinham aprendido a lição, novamente lhes é advertido sobre a nulidade de tal “justiça”. Importava para Deus muito menos o currículo e as realizações públicas; muito mais o coração quebrantado, que reconhece a sua necessidade de Deus, diante de toda a sua insignificância. Ambos subiram ao templo com a mesma *intenção* (v.10), mas com *atitudes* opostas.

Embora alguns digam que a oração do fariseu não passou do teto, o correto é afirmar-se que não somente passou do teto como chegou aos ouvidos de Deus, para sua própria condenação. O publicano saiu do templo “justificado” e não aquele (v. 14), o fariseu.

IV – PARÁBOLAS SOBRE ASSUNTOS DIVERSOS

É uma tarefa difícil selecionar um assunto para ser deixado de fora quando a questão é o estudo das parábolas de Jesus. Escolhemos finalizar este capítulo com as parábolas que Jesus contou para ensinar sobre a postura de Israel em relação a ele próprio como Messias; em seguida, aquelas que abordam o tipo de serviço que o Senhor espera dos Seus servos.

Parábolas quanto à atitude do povo em relação a Jesus como o Messias

- a. *Os filhos do dono da vinha* - Mt 21:28-32 - Os politicamente corretos só tinham discurso. Eram religiosos na aparência, mas escarnecedores na atitude. A resposta do primeiro filho estava certa (“*Sim, senhor!*”). A atitude estava errada: “*porém não foi*”. O outro respondeu de forma errada, mas era mais sincero do que o primeiro. Disse que não iria, mas **arrependeu-se** e acabou indo. Esta é a chave da parábola: o segundo filho não é melhor do que o primeiro, mas o arrependimento levou-o a fazer a vontade do pai. A interpretação da parábola é dada pelo próprio Senhor (v.31-32): o primeiro filho são os principais sacerdotes e anciãos do povo (v.23) e o segundo são os pecadores que aceitaram o ministério de João, que apontava para o Cordeiro de Deus, Jesus.
- b. *Os Maus Lavradores* - Mt 21:33-46; Mc 12:1-12; Lc 20:9-18 – A vinha é Israel. Outras parábolas já haviam usado esta mesma analogia. Jesus afirmou ser a videira *verdadeira*, porque havia uma falsa: Israel (Isaías 5:1-7; 27:1-3). Deus chamou Israel quando este não era povo e fez tudo por ele. Mesmo quando o povo se desviou, Deus mandou seus profetas para exortar, corrigir e chamar a atenção deles (II Cr 36:15-16). Então, veio o Filho amado (Lc 20:13). Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (Jo 1:11). Esta rejeição abre a porta aos gentios (v.41-43). A igreja é “*os outros lavradores*” ou “*um povo que lhe produza os respectivos frutos*” (I Pe 2:9; I Co 3:9). O texto afirma que os sacerdotes e fariseus entenderam que era sobre eles que Jesus falava (v.45). Portanto, não pode ser mais clara a interpretação da parábola.
- c. *As Bodas do Filho do Rei* - Mt 22:1-14 – Mais uma vez, Jesus deixa claro que a rejeição de Israel ao Messias abre a porta dos gentios. Esta possibilidade era inadmissível para um judeu. A eles pertenciam todos os privilégios da aliança (Rm 9:4-5). Agora, eles ficam sabendo que serão colocados de lado. Esta explicação teológica é importante e está bem explicada por Paulo nos capítulos 9 a 11 de Romanos: Israel está no desvio profético, até a volta de Cristo, quando se encerra a “plenitude dos gentios” (Rm 11:25).
- d. *As Bodas Rejeitadas* - Lc 14:15-24 – Esta parábola é ligeiramente diferente da anterior, mas tem a mesma interpretação. Foi contada em resposta à exclamação de um dos participantes do banquete que Jesus participava (v.15). Aparentemente a pessoa considerava-se automaticamente credenciada para o Reino, por ser um judeu. A resposta em forma de parábola, no entanto, demonstrou claramente que é a atitude do coração, e não a nacionalidade, que determina quem tem parte do reino de Deus.

1. Parábolas quanto à atitude do servo em relação ao Senhor

- a. *O Servo Bom e o Servo Mau* - Mt 24:45-51; Lc 12:42-48 – Durante a ausência física do Rei (Jesus Cristo), os servos (cristãos) não têm o direito de tratar uns aos outros e de viverem como bem entendem. Aqueles que receberam responsabilidades de liderança (Lc 12:48) serão mais cobrados, pois esperava-se mais deles. O servo “*fiel e prudente*” não é o mais talentoso ou capacitado. É apenas aquele que seja encontrado fazendo a vontade do seu Senhor.

- b. *O Servo Prestativo* - Lc 17:7-10 – Nesta parábola de interpretação imediata, fica evidente qual deve ser a relação entre o servo e o Senhor. Somos apenas servos e o cumprimento adequado da nossa obrigação jamais deveria ser um motivo para orgulho. Mesmo fazendo o que precisamos fazer, somos apenas *servos inúteis*. Que futilidade o orgulho no meio do povo de Deus!
- c. *O Contrato dos Lavradores da Vinha* - Mt 20:1-16 – A interpretação da parábola tem a ver com o orgulho nacionalista dos judeus. Eles foram os que “chegaram primeiro” e tinham direito às bênçãos da aliança. Os gentios chegaram depois, mas foram igualmente abençoados. A lição central é que Deus nos trata de acordo com sua imensa graça, não de acordo com eventuais méritos que possamos ter (Ef 2:8).
- d. *Os talentos* - Mt 25:14-30 – Há quem consiga enxergar, incrivelmente (!) um apoio bíblico à prática da usura e agiotagem nesta parábola. Porém, a única lição que a parábola traz na sua interpretação é a respeito da responsabilidade que temos de zelar por tudo aquilo que Ele nos concede nesta vida. Deus nos confia bens, talentos, dons, pessoas, tempo e tantas outras coisas, “conforme a nossa capacidade”. Ele não é injusto de nos cobrar aquilo que não podemos dar, mas não é esquecido para não nos cobrar daquilo que podemos dar.
- e. *As minas* - Lc 19:11-27 - Diferente da parábola dos talentos, nesta todos os servos recebem a mesma quantia em dinheiro. Portanto, não se trata das coisas que recebemos, mas da própria vida que todos recebemos de Deus, igual para todos. Cada um de nós fará o que bem entender da mesma vida, mas terá que prestar contas a Deus deste bom ou mau uso.

Ao final desta série, nosso desejo é que o aluno tenha sido despertado ou redirecionado para estudar por si mesmo as demais parábolas que o Senhor Jesus contou. Siga o conselho de não tornar este estudo um exercício de especulações, mas a busca simples do ensino central de cada história, devidamente posicionado no seu contexto.

O aluno terá grande proveito em aprofundar-se nestes textos.


Exercício
Parábolas

Nº	Referência	Parábola	Lição Central	Assunto
1	Lc 10:25-37	O Samaritano	Quem é o nosso próximo	
2	Lc 13:6-9	A Figueira Que Não Produzia	A necessidade de se produzir frutos de arrependimento	
3	Lc 16:1-9	O Administrador Infidel e Providente	Devemos investir na eternidade	
4	Jó 10:1-6	O Pastor Verdadeiro e o Pastor Ladrão	Jesus como o verdadeiro Messias	
5	Jó 10:7-10	A Porta das Ovelhas	Jesus como o verdadeiro Messias	
6	Jó 10:11-15	O Bom Pastor	Jesus é o Salvador dos judeus e dos gentios	
7	Mc 4:21-23	A Candéa	Deus revelará as coisas ocultas	
8	Lc 15:3-7	A Ovelha Perdida	O valor de uma alma perdida	
9	Lc 15:8-10	A Moeda Perdida	O valor de uma alma perdida	
10	Lc 15:11-32	O Filho Perdido	O valor de uma alma perdida	
11	Mt 13:24-30	O Joio e o Trigo	O falso e o verdadeiro cristianismo convivendo até à volta de Jesus	
12	Mt 13:31-32; Mc 4:30-32; Lc 13:18-19	O Grão de Mostarda	O mal infiltrando-se no Reino (Igreja)	
13	Mt 13:33; Lc 13:20-21	O Fermento da Mulher	O mal infiltrando-se no Reino (Igreja)	
14	Mt 13:44	O Tesouro Oculto	O valor que Deus dá à Igreja	
15	Mt 13:45-46	A Pérola de Grande Valor	O valor que Deus dá à Igreja	
16	Mt 13:47-50	A Rede no Mar	O falso e o verdadeiro cristianismo convivendo até à volta de Jesus	
17	Lc 11:5-8	O Amigo Insistente	A Importância de Insistir em Oração	
18	Lc 18:1-8	O Juiz e a Viúva	A Importância de Insistir em Oração	
19	Lc 18:9-14	O Fariseu e o Publicano no Templo	A Atitude Correta para nos aproximarmos de Deus	
20	Mt 13:1-9; Mc 4:1-9; Lc 8:4-8	O Semeador	As reações das pessoas à Palavra de Deus	
21	Mc 4:26-29	A Semente	O resultado gradual da Palavra de Deus	
22	Mt 13:51-52	O Baú do Pai de Família	A responsabilidade dos que conhecem os mistérios de Deus de compartilhá-los com os outros	
23	Mt 18:23-35	O Servo Que Não Perdoava	Perdão	
24	Lc 7:36-50	O Credor e os Dois Devedores	O privilégio de ser perdoado	
25	Mt 21:33-46; Mc 12:1-12; Lc 20:9-18	Os Maus Lavradores	A Rejeição de Israel ao Messias	
26	Mt 22:1-14	As Bodas do Filho do Rei	A rejeição de Israel ao Messias e seu convite de comunhão	
27	Lc 14:15-24	As Bodas Rejeitadas	A Rejeição de Israel ao Messias e seu convite de comunhão	
28	Mt 21:28-32	Os Filhos do Dono da Vinha	A atitude de contrição vale mais do que o discurso religioso e correto	
29	Lc 12:15-21	O Fazendeiro Louco	A futilidade das riquezas em comparação com a eternidade	
30	Mt 24:45-51; Lc 12:42-48	O Servo Bom e o Servo Mau	A atitude dos servos esperando a vinda do Senhor	
31	Lc 17:7-10	O Servo Prestativo	A correta relação entre o servo e o Senhor	
32	Mt 25:14-30	Os Talentos	A mordomia consciente do cristão	
33	Lc 19:11-27	As minas	A mordomia consciente do cristão	
34	Mt 20:1-16	O Contrato de Trabalho dos Lavradores da Vinha	Os Critérios Divinos de Recompensa	
35	Mc 2:21; Lc 5:36	Remendo da Veste	A novidade do Cristianismo não cabe na estrutura arcaica do Judaísmo	
36	Mc 2:22; Lc 5:37-39	Vinho Novo em Odres Velhos	A novidade do Cristianismo não cabe na estrutura arcaica do Judaísmo	
37	Mt 24:32-35; Mc 13:28-32	A Figueira	Os Sinais dos Tempos	
38	Mt 24:42-44; Lc 12:39-40	A Vigilância do Pai de Família	A necessidade de vigilância	
39	Mt 25:1-13	As Dez Virgens	A necessidade de preparar-se para encontrar-se com Cristo	
40	Mc 13:33-37	O Empregado que Viajou	A necessidade de vigilância	